



Confederazione Mondiale Exallieve ed Exallievi delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Via Gregorio VII, 133 int.4/sc.B 00165 Roma
Tel.06/63.56.92 Fax 06/39.37.51.31 C.F. 97070250580 www.exallievefma.org

Núcleo 27°

Chiquitunga, a Ex-Aluna, próxima dos jovens

Gabriela Patiño*

Neste núcleo 27 proponho, para reflexão de todas, a vida de uma nossa Ex-Aluna FMA, proclamada, recentemente, Beata, pela Igreja.

Trata-se de Maria Felícia Guggiari Echeverría, apelidada Chiquitunga, uma jovem que viveu no Paraguai na primeira metade do século XX. A sua vida caracterizou-se por duas dimensões: **a Eucaristia**, fonte do seu apostolado e **o amor pelos pequenos e os mais pobres**. Estas dimensões marcaram a sua vida com aquele sinal típico, aprendido na casa salesiana, que se leva consigo para toda a parte, onde quer que se vá.

Quando jovem, Chiquitunga trabalhou como acompanhante de crianças e jovens no seu caminho de crescimento humano e cristão. Também por isto nos faz bem, em tempo de preparação para o Sínodo sobre os jovens, refletir sobre ela, jovem simples, convicta e empenhada pelos outros, por forma a sentir-nos mais plenamente integradas no caminho sinodal.

Chiquitunga foi beatificada a 23 de junho de 2018, em Assunción, no Paraguai. O Papa Francisco disse dela: "O testemunho desta jovem, Beata, é um convite aos jovens para que vivam a sua vida com generosidade, bondade e alegria". Como grupo da Família Salesiana, queremos acolher também nós este convite com admiração e gratidão.

María Felícia, este o seu nome próprio, nasceu em Villarrica del Espíritu Santo, capital do distrito de Guairá, no Paraguai, a 12 de janeiro de 1925. Ela era a mais velha dos sete filhos de Ramón Guggiari e Arminda Echeverría, ricos. Foi batizada na catedral de Villarrica a 28 de fevereiro de 1928. O apelido com que ela era chamada na família e com o qual mais tarde se tornaria conhecida, Chiquitunga, foi-lhe atribuído por seu pai por causa da sua magreza e pequenez.

Aos cinco anos foi matriculada no curso pré-escolar da escola «Maria Auxiliadora», onde frequentou de seguida a elementar e aprendeu os elementos da fé. Aquilo que aprendeu aplicou-o bem depressa na caridade para com os pobres, como quando deu um casaco, que lhe oferecera o seu pai, a uma menina cheia de frio quando, terminada a escola, regressava a casa.

O dia da sua Primeira comunhão marcou um salto de qualidade no caminho espiritual. Assim escreveu ela a recordar aquela circunstância: «vem desde aquele dia o meu propósito de ser cada vez melhor, cada vez mais». Começou, então, a visitar a Jesus no Tabernáculo da sua paróquia ou da capela da escola, sozinha, ou levando consigo outras crianças, como Amaru, a mais pequenina dos seus irmãos e irmãs.

Chiquitunga era muito afeiçoada aos pais, como recorda a sua irmã Magalí: «Para um aniversário do pai, ela mudou as palavras de algumas canções famosas e deu a cada uma de nós uma folha com o novo texto para cantar».

Quando María Felícia tinha dezasseis anos, a Ação Católica foi "recomeçada" no Paraguai. Aderiu entusiasticamente e, ao mesmo tempo, começou aquilo a que chamou "o caminho de perfeição", implementado através de orações íntimas e constantes, da ascese alegre e da dedicação incondicional às crianças, jovens, idosos e doentes, não sem oposição por parte da família. Dois anos depois da sua

adesão, fez a "consagração ao apostolado", isto é, fez o seu compromisso solene de se dedicar às atividades caritativas, às quais acrescentou o propósito da virgindade.

A fonte da sua dedicação foi a Eucaristia, que ela recebia diariamente. Para se dedicar aos estudos com tranquilidade, para obter a qualificação para o ensino, participava na missa matinal, embora tivesse de permanecer em jejum, de acordo com o uso do tempo.

Para não preocupar o pai que lhe recomendava que cuidasse também do corpo, adotou um estratagema: levantava-se antes de todos, fazia de conta que tinha usado a chávena do pequeno-almoço e espalhava algumas migalhas no seu lugar, à mesa, fingindo ter comido.

A sua postura exterior inspirava simplicidade: apanhava os seus longos cabelos escuros em duas tranças, não usava maquiagem nem usava sapatos altos. A sua roupa preferida era um avental branco, por duas razões: lembrava-lhe a necessidade de ter uma alma pura e porque, se vestisse roupas ricas, poderia correr o risco de afastar dos seus queridos pobres. Único ornamento era um raminho de jasmim do Paraguai, caracterizado por flores pequeninas, mas com um aroma intenso.

Por causa da guerra civil que eclodiu em 1947, ela teve de sofrer um pouco: o seu pai e um irmão, Frederico, foram deportados para Posadas, na Argentina. Começaram, então, para a família até mesmo dificuldades económicas, tanto que a sua casa foi hipotecada. Ela mesma teve problemas para a continuação dos seus estudos: o seu sobrenome paterno fazia lembrar José Patrício Guggiari, ex-presidente da República e membro do partido liberal (na verdade ela era sua sobrinha). É compreensível, portanto, que as autoridades académicas fossem contra a facilitação dos seus estudos. Apesar disso, María Felicia não perdeu a esperança. Pelo contrário, convidou a todos a acabar com a luta, através do perdão e da reconciliação. No fim, devido à perseguição política, Ramón Guggiari, regressado do exílio, decidiu transferir a família para a capital, Asunción: transferência que se deu em fevereiro de 1950.

Maria Felicia, que recentemente havia chegado aos vinte e cinco anos, ambientou-se rapidamente. Primeiro, aderiu à Ação Católica da nova paróquia, depois retomou os estudos para ser de ajuda ao sustento da família: primeiro ensinou na escola paroquial do Perpétuo Socorro, no bairro de Barrio Obrero, depois na dos padres Redentoristas.

Os compromissos apostólicos foram aumentando, quando ela foi chamada para assumir responsabilidades diocesanas, sem negligenciar as crianças, suas prediletas, e os presos políticos de qualquer partido. Enquanto na família continuava a estar sorridente e disponível, alimentava a sua fé com as visitas ao Santíssimo Sacramento, a oração noturna e a recitação do Rosário, meditando os quinze mistérios.

No dia 23 de abril, poucos meses após a sua chegada à capital, houve para ela um encontro. Durante uma Assembleia da Ação Católica perto de Assunção, tomou a palavra o presidente da seção de Estudantes, Ángel Sauá Llanes, licenciado em Medicina e filho de um imigrante muçulmano, natural da Síria.

Maria Felícia interveio várias vezes no debate e depressa fez amizade com o jovem. Começaram, então, a andar juntos, a cuidar dos doentes, também porque seria perigoso para uma jovem aventurar-se sozinha nos bairros pobres.

Com o passar dos dias, pareceu a Chiquitunga nutrir um sentimento especial pelo seu amigo. Intensificou, então, a sua oração, pedindo continuamente ao Senhor que, se fosse da sua vontade, ela se casasse. A resposta chegou-lhe de forma surpreendente, pela boca do próprio Ángel Sauá.

Um dia, em maio de 1951, ele chamou-a à parte e contou-lhe um segredo: ele decidiu fazer-se sacerdote, para expiar os pecados do seu pai, que não queria converter-se. Ela, depois de o ter ouvido com atenção, prometeu manter o segredo e que faria de tudo para o ajudar a realizar esse sonho: «Eu ficarei ao seu lado - não o tratava por tu - dia e noite, rezando e oferecendo a minha vida para que

possa ser, se Deus quiser, um santo sacerdote» e «se não nos pudermos unir aqui na terra, unir-nos-emos um dia no céu, no fim dos tempos».

Para evitar o confronto direto com o senhor Manuel, pai do jovem, os dois organizaram um plano: uma vez concluídos os seus estudos no Paraguai, Sauá iria para Espanha frequentar cursos de pós-graduação e lá ele realizaria a sua vocação.

Por sua vez, o pai de Maria Felícia estava convencido de que eles seriam noivos e de que ele seria uma boa escolha, por isso, nunca mais se opôs, como fez em Villarrica, às saídas caritativas.

Para sancionar a sua oferta, no dia 1º de outubro, dia do aniversário de Sauá, ele e a sua amiga consagraram-se à Imaculada, realizando uma espécie de casamento místico. No dia 10 de abril, partiu para acompanhar o seu pai à Terra Santa e à Síria, depois regressou para seguir para Madrid.

Chiquitunga escreveu-lhe muitas cartas para o encorajar. Para aliviar das suas preocupações, ela começou a escrever o seu diário íntimo, também porque não se sentia segura sobre o seu próprio futuro. Foi preciso um novo e inesperado encontro para começar a perceber para onde Deus a chamava.

A 20 de agosto de 1952, passou pelo Hospital Espanhol de Asunción, onde estava hospitalizada Madre Teresa Margarida do Sagrado Coração, priora do primeiro Carmelo paraguaiano. Conversou com ela longo tempo e recebeu conselhos e encorajamentos, a ponto de ela escrever no seu diário: «Encontrei uma mãe». Em 16 de novembro, Sauá comunicou-lhe que entraria no Seminário. Também ela estava determinada a dar mais alguns passos para discernir. Participou num curso de Exercícios espirituais e, depois de ter meditado cuidadosamente sobre o «Tratado da verdadeira devoção à Virgem Maria», no dia 9 de setembro de 1954, fez a sua consagração a Jesus, pelas mãos de Maria, segundo o esquema do autor daquele livro, São Luís Maria Grignon de Montfort.

Enquanto isso, um mês depois dos Exercícios, Felícia teve de revelar aos seus pais, durante a festa de noivado de sua prima Yaya, que Sauá estava no Seminário. Todos ficaram chocados: os pais ameaçaram-na de romper aquele relacionamento.

Em vez disso, o pai de Sauá, furioso, abandonou a sua casa, dizendo que só voltaria se o filho regressasse com ele. No entanto, algum tempo depois, o pai voltou para casa, para junto da esposa e dos filhos, na noite de 6 de janeiro de 1954: aos olhos dos diretamente interessados, parecia um milagre, obtido pelas orações de Sauá.

Durante um novo período de Exercícios, María Felícia tomou a firme decisão de entrar no Carmelo. Teve de novo a oposição paterna, à qual se juntou a dos sacerdotes, que viam nela um apoio muito útil à Ação Católica diocesana, mas já estava decidido.

Ela, que pouco tempo antes tinha escrito: «Ficar parada mata-me», passou a limitar a sua própria vida a quatro paredes de um convento, cuja porta ela cruzou a 2 de fevereiro de 1955. Pouco antes de entrar, escreveu a última carta a Sauá, para se despedir dele: «Meu irmão, adeus até à eternidade!»

Ela estava certa de ter encontrado um amor ainda maior, como confidenciou a uma monja: «Apaixonei-me por Sauá, mas ainda mais por Jesus»

Um exemplo concreto próximo de nós, vida de casa, de família, convite a fazermos nós o mesmo.

FICHA DE TRABALHO PARA O CONSELHO CONFEDERAL, DE FEDERAÇÃO, DE UNIÃO E PARA TODAS AS EX-ALUNAS E EX-ALUNOS DO MUNDO.

- Ler bem este texto
- Descrever um convite concreto encontrado na leitura desta vida.
- Enviar a resposta e, se desejar, também uma foto ou vídeo.
- Rezar, com a Igreja universal, **pelos jovens**, a oração que segue:

Senhor Jesus,
a tua Igreja a caminho do Sínodo
dirige o olhar a todos os jovens do mundo.
Pedimos-te que, com coragem,
assumam a própria vida,
olhem para as realidades mais bonitas e mais profundas
e conservem sempre um coração livre.
Acompanhados por guias sábios e generosos,
ajuda-os a responder ao chamamento
que Tu diriges a cada um deles,
para realizar o próprio projeto de vida
e alcançar a felicidade.
Mantém aberto o seu coração aos grandes sonhos
tornando-os atentos ao bem dos irmãos.

Como o Discípulo amado,
também eles permaneçam ao pé da Cruz
para acolher a tua Mãe,
recebendo-a como um dom de ti.
Sejam testemunhas da tua Ressurreição
e saibam reconhecer-te vivo ao lado deles
anunciando com alegria que Tu és o Senhor.

Amém.

Enviar, por favor, a vossa resposta, pessoal ou de grupo, por e-mail a:
delegatamondialeexallieve@gmail.com ou através do correio normal para:
Via dell'Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma RM

*Delegada Confederal